



DIGNIDADE



Alfredo Barbieri*



Nossa dignidade é extraordinária. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus e quando perdemos esta identidade, fomos resgatados por Cristo, que se fez um dos nossos e refez a aliança. Pelo Batismo, fomos inseridos no Corpo Místico e nos tornamos filhos e herdeiros do Reino.

No dealbar de nossa infante-juventude, fomos chamados, por caminhos diversos, para seguir o Mestre, ou por um impulso interior, ou por influência do nosso Pároco, ou pelo anseio de uma mãe piedosa, e fomos para o Seminário. Poucos foram os escolhidos que chegaram aos degraus do Altar.

Mas, todos os chamados, receberam o dom do convívio, da amizade, da fraternidade, da oração, do estudo, do lazer, nas arcadas do nosso vetusto, querido e imponente casarão, sob o olhar maternal do Imaculado Coração de Maria.

O Ibaté nos ensinou que "todos nós devemos recomeçar a nossa busca comum de dignidade para além dos fracassos experimentados." Ajudou a desenvolver o sentido de nossa dignidade e ao mesmo tempo despertou-nos para sentir o quando ao nosso povo foi negada essa dignidade: É a pobreza, é a saúde precária ou o difícil acesso a ela, é a educação para poucos, é o desemprego escandaloso, é a violência, é a insegurança, é a corrupção... País digno é país que respeita e promove a dignidade de seu Povo. Fomos chamados a dar nosso testemunho de vida e nossa contribuição como cidadãos.

A dignidade se manifesta de várias maneiras:

- quando valorizamos nossa condição de seres humanos e cristãos...
- quando passamos aos nossos filhos, os valores divinos e humanos recebidos pela nossa formação...
- quando acolhemos o nosso irmão carente, mais do que com a esmola, com o sorriso, a compreensão, a escuta...
- quando deixamos de lado a vaidade e a prepotência e vivenciamos o amor, a tolerância, o perdão...
- quando não compactuamos com a injustiça, a desigualdade...
- quando vencemos os preconceitos de raça, cor, religião, situação

financeira e vemos em todos, filhos de Deus.
- quando nossa vida é um exemplo de dignidade...

E, para refletirmos sobre esta dignidade, voltamos pela décima terceira vez a este nosso saudoso Seminário, para reviver nossa saudade e recordar momentos que nos marcaram:

Momentos Místicos: orações, missas, retiros espirituais, a reza do terço, as ladainhas, as procissões...

Momentos de Enriquecimento Intelectual: aulas, estudos, leituras, provas, Grêmio Literário, crônicas, poesias, a oratória...

Momentos Encantamento: as visitas de nossa família, pais, irmãos, parentes. As férias escolares...

Momentos de Lazer: o futebol, o vôlei, o espiribol, os passeios, o teatro, a Banda Santa Cecília, as festas...

Éramos felizes, responsáveis, despreocupados. Vivíamos o presente; o futuro nos sorria...

Dá para parafrasear o poeta:

"Ah! Que saudades que eu tenho dos tempos do Seminário que os anos não trazem mais". Das noites estreladas e enluaradas que acalentavam nossos sonhos. Do vento forte e uivante, enquanto dormíamos, parecendo que o casarão estava voando na amplidão. Do morro do Saboó, que nos espreitava ao longe e que era nosso desafio para buscar as alturas. Da vida em comunidade, repartindo com todos as alegrias, as preocupações, as vitórias.

Na placa comemorativa deste Encontro, gravamos:

A DIGNIDADE, FRUTO DE NOSSA FORMAÇÃO, NOS TROUXE DE VOLTA PARA AGRADECER.

Por tudo isto: AGIMUS TIBI GRATIAS. MAGNIFICAT. É digno e justo elevarmos a Deus nosso louvor e graças por nos dar a dignidade de sermos seus filhos, pelo Batismo, e permitir que sob o manto do Imaculado Coração de Maria, recebêssemos, no Seminário, a formação humana e cristã para vivermos com dignidade.

Este é o dia que o Senhor fez para nós. Vamos vivê-lo na alegria e na fraternidade!

(*) Alfredo Barbieri, 85 (49/53) - É Professor aposentado da Universidade de Taubaté e Membro da Academia Taubateana de Letras.
alfredo_barbieri@hotmail.com

NA TRILHA DE AMÓS

Getulino E.S.Maciél



Entre 1954 e 1962, período em que estudávamos nos Seminários de Aparecida e São Roque - colinas do Ibaté - tivemos contato inesquecível com os chamados "Profetas Menores". Chamados assim em contraposição aos "Maiores": Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

E, para facilitar a memória, servíamo-nos de algumas escalações dos nossos times de futebol da época, em especial do Rio de Janeiro com os quais tínhamos mais afinidades. Assim, o Flamengo: Garcia, Biguá e Pavão; Jadir, Dequinha e Jordan; Joel, Rubens, Índio, Evaristo e Zagalo. O Vasco da Gama: Barbosa, Augusto e Juvenal; Eli, Danilo e Jorge; Sabará, Tesourinha, Ademir, Maneca e Chico. O Fluminense: Castilho, Píndaro e Pinheiro; Jair Edson e Bigode; Telê, Didi, Carlyle, Orlando e Joel. Se acrescentarmos o técnico são doze. E doze são os Profetas Menores, assim escalados: Oséias, Joel e Amós; Abdias, Jonas e Miquéias; Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. O técnico é Naum.

Chamava nossa atenção especial um másculo zagueiro, crestado pelo sol, mãos calejadas, criador de gado e plantador de sicômoros. Essas árvores produzem doces figos. Mas, não só pela sua modesta origem como pelas verberações que Deus coloca em sua boca ecoando pelos vales e colinas contra o fausto e luxúria dos reis e até dos religiosos face a face com o abandono dos pobres e desvalidos.

Lembrava muito nosso humilde pai, plantador de roças e de sonhos e crítico agudo dos desmandos do poder, um verdadeiro profeta, aprendiz contumaz das lições da vida, quase nômade.

"Profetas eram pessoas com os pés no chão, conhecedoras da vida de seu povo e de sua realidade. Conhecem e vivem a realidade, mas são extremamente sensíveis a Deus. Por isso, são escolhidos e se tornam anunciadores da vontade do Senhor para aquele momento histórico, denunciando tudo aquilo que fere a vontade de Deus..." (Paulinas-internet).

Amós -o que ajuda a carregar o fardo- repetimos, criador de gado e cultivador de figos, alimento dos mais pobres quais as "bolotas" de Dom Quixote. Esses figos para se tornarem maduros e mais doces eram arranhados em sua casca para dele se desprender o leite amargo. Como em criança e até hoje fazemos com os mamões. Temos que ser arranhados e feridos até mesmo profundamente para nos amadurecermos e nos tornarmos mais doces e de suave sabor. E Amós repassava aos poderosos de Judá e Israel a mensagem dos sicômoros: "a nação precisava ser ferida em sua vaidade para se tornar saudável e agradável..."

Lembre-mo-nos sempre dos sicômoros e seus figos. Em todo o tempo, Deus se manifesta pela dor ao lado da alegria.

Nasceu Amós em Técuá, perto de Belém. Eram os tempos de prosperidade dos reinados de Ozias em Judá e Jeroboão em Israel. Davam à nação poder e riqueza. A religião auferia vantagens "pela abundância das vítimas imoladas nos altares e pela pompa dos ritos..." e se prejudicavam a moral e a verdadeira piedade. O deslumbramento pela prosperidade fazia o povo andar alegre sem consciência da ruína que se acercava com o crescimento do poder assírio. Imperava a prosperidade trazendo em seu bojo a luxúria dos ricos e, de outro lado, a miséria dos oprimidos tudo isso ao lado da religião com sua pompa e tolerância com as injustiças sociais.

Amós é chamado por Deus para o alerta necessário e deixa claro a realidade da decomposição social, da corrupção religiosa e da falsidade do culto. Enfrenta a oposição dos sacerdotes de Betel, principal santuário do reino. "... Amasias mandou dizer a Jeroboão, o Rei:

"... nem mesmo a terra pode tolerar tudo o que ele (Amós) diz... e fala a Amós: retira-te daqui, ó visionário...foge para o país de Judá e come lá o teu pão e lá profetiza...em Betel não continuarás a profetizar porque ele é o santuário régio e residência do Rei..." Amos, com a humildade do camponês chamado pelo Senhor e por Ele iluminado, responde:"...eu não era profeta nem filho de profeta, mas pastor e pungidor de sicômoros...o Senhor tirou-me de detrás dos rebanhos e disse-me: vai profetizar ao meu povo..." A tradição diz que foi morto a pedrada pelo filho do sacerdote Amasias.

Em 31 de março se comemora: Santo Amós!

Alguns recortes de Amós:

Serve-se da natureza e das vicissitudes humanas:

"...o Senhor ruge de Sião e de Jerusalém, emite o seu ribombo; as pradarias dos pastores estão desoladas, aridifica-se o cimo do Carmelo...acaso andarão juntos dois se não estiverem de acordo? Bramirá o leão na floresta se nas garras não tiver uma presa? Descerá o pássaro sobre a terra se não houver para ele uma isca?...rugiu o leão, quem não terá medo dele?..."

Atualidade do profeta:

"...porque venderam os inocentes por umas poucas moedas e o pobre por um par de sandálias, esmagam como pó a cabeça dos humildes...deitam-se sobre roupas tomadas em penhor ao lado de qualquer altar e bebem no templo do seu Deus o vinho extorquido com multas..."

Deus é cuidadoso mas cobra:

"...somente de vós tive cuidados mais do que todas as famílias da terra por isso exigirei contas de todas as vossas iniquidades..."

Reprova o luxo e a comodidade:

"...farei derruir a residência de inverno e a residência de verão, desaparecerão as casas de marfim e muitas casas deixarão de existir..."

Lembra-me Isaías: "ai de vós que ajuntais casa a casa e acrescentais propriedade a propriedade..."

Ataque às matronas samaritanas que exigem de seus maridos festas luxuriosas em detrimento dos pobres:

"escutai esta palavra, ó vacas gordas das montanhas de Samaria, vós que defraudais os indigentes e esmagais os pobres, vós que dizeis aos vossos senhores: traze-me de beber. Eis que virão dias em que vos levarão embora..."

Deus, criador:

"...prepara-te para o encontro com o teu Deus: ei-lo o que forma o trovão e cria o vento, que derrama torrentes de água sobre os campos, que faz a aurora e as trevas, que caminha sobre as alturas da terra...que criou as Plêiades e o Orion que muda a aurora em escuridão e faz do dia noite escura, que chama as águas do mar e as derrama sobre a superfície da terra...ele que faz faiscar a ruína sobre o poderoso e cair a devastação sobre a fortaleza..."

Contra as injustiças e desigualdades sociais:

"...opressores dos justos aceitais compensações e, no juízo, repelis os pobres... fugi do mal e praticai o bem, fazei reinar a justiça à porta..."

A hipocrisia dos cultos:

"...odeio as vossas festas, reprovoo as vossas reuniões...se me ofereceis sacrifícios não lhes aspiro o aroma, as vossas oblações não me satisfazem e não porei meus olhos nas vossas vítimas nédias, para longe de mim o ruído de vossos cantos, não quero ouvir a música de vossas harpas... mas que corra como a água, o direito e a justiça como torrente perene..."

Contra a ociosidade e o luxo:

"...deitados em leitos de marfim, reclinados em divãs comem os cordeiros do rebanho, os vitelos cevados em estábulos, cantarolam ao som da harpa e comparam-se a Davi em arte musical, bebem vinho selecionado, ungem-se dos mais finos perfumes...por isso serão bem depressa deportados à frente dos degredados e cessará

a orgia dos folgazões...vós mudastes direito em tóxico e o fruto da justiça em absinto..."

Recrimina a avidez dos lucros e as fraudes:

"...escutai, ó vós que conculcais o pobre e mirais a desfazer-vos dos míseros camponeses e andais a dizer: quando passará o primeiro dia do mês e o sábado para podermos abrir o celeiro, para diminuirmos a medida e defraudar com balanças falsas...para comprarmos a baixos preços dos necessitados e o indigente por um par de sandálias... e negociaremos até com o resíduo do trigo..."

Acena para a fome e a sede:

"...eis que virão dias, diz o Senhor Deus, nos quais enviarei fome ao país, não fome de pão nem sede de água, mas fome de ouvir a palavra de Deus...andarão vagando de um mar a outro... errarão em busca da palavra divina sem encontrá-la... naquele dia desfalecerão de fome as formosas virgens e os jovens robustos..."

Após tantas ruínas profetizadas e todos os prenúncios catastróficos, eis que o Senhor Deus se mostra em riqueza de misericórdia e providência;

"...naquele dia restaurarei as sortes de meu povo...reedificarão as cidades devastadas e nelas habitarão, plantarão videiras e beberão seu vinho, cultivarão pomares e comerão seus frutos... eu os plantarei em sua terra e jamais serão arrancados da terra que lhes dei..."

Assim, Amós nos ensina a olhar os horizontes da esperança e muito além de toda injustiça e maldade que corroem as sociedades e que, um dia, darão lugar ao bem, à justiça, à verdade, à equidade, à bondade, à simplicidade, ao respeito e à honestidade. Só assim, então, o objetivo maior do homem se atingirá: a divina plenitude da felicidade que todos, sem exceção, buscamos.

(*) Getulino do Espírito Santo Maciel, 77 (57/60), ex-consagrado ludopedista, ex-professor universitário, ex-critor e ex-devogado em Lorena-SP louget@iol.com.br

IRMÃO DE PE. ELIDIO VISITA O SEMINÁRIO

Dia 27 de agosto, um dia após o nosso XIII ENCONTRO, os colegas que lá pernoitaram tiveram a grata satisfação de receber a visita do Sr. Antonio Mantovani, irmão do Pe. Elidio Mantovani que foi aluno entre 1951 e 1956 e posteriormente foi professor no Ibaté. Na ocasião foi tirada esta foto em que além do Sr. Antonio, sua esposa Nena, seu filho Tadeu e nora Claudia, aparecem os colegas Pe. Sabé, Marcio Pereira da Silva e Donivaldo Martins.



Quintas-feiras pela manhã: passeios e destinos

Joaquim Benedicto de Oliveira*



Quando lecionava "Teoria do Texto", na Universidade, concordava que, às vezes, a escrita comandava o autor, mesmo à revelia deste. Surpreso, neste momento, declaro que fui guiado hoje por uma vontade textual que fugiu de mim e, nem sei porquê. Queria apenas relatar o que eram os passeios de quintas-feiras no Ibaté.

Quando terminei, falara de minha vida toda, preso gostosamente por metáforas e intenções poéticas.

Perdoem-me os leitores que não gostam de poesia. No entanto, aqui vai o resultado.

A manhã de quinta-feira ibateana nos convidava a escalar os morros atrás da gruta (esta, no entanto, não existia ainda naquele meu tempo), para o início do passeio semanal em grupo. Guiava-nos padre Pascoal Amato. Atrás dele, a pé, ultrapassávamos pés de pera, pés de laranja e íamos por ali depositando nossos sonhos de meninos na manhã de sol. E foi aí que vi.

De repente, entre uma árvore e outra, lá estava ela, brilhante como brilhantes eram seus finos sustentáculos. A aranha era uma perdida pérola em sua extensa concha de finas linhas ainda úmidas pelas lágrimas do orvalho da madrugada.

Levei um susto! Ali estava a epifania de que necessitava: presa nas linhas que ela mesma fabricara, minha reta intenção, metamorfoseada, me assegurava que o caminho era mesmo aquele. Laços capazes de ser a morada ao sol e ao orvalho da minha reta e aracnídea intenção. Acalmei-me, pois, ao mesmo tempo em que me esquecia de que aranha tece linhas circulares e não retas intenções. Valeram-me, assim mesmo, as imagens de paz e de sonho do amanhã sacerdotal, ainda que encarceradas numa tênue teia de tenaz aranha construtora de mitos.

Primeiro medo dominado!

Tempos depois, já na Teologia do Central do Ipiranga, fui ao encontro do frei Josafá, no jornal impresso Brasil Urgente e, no mesmo período, para a favela do Vergueiro, do aprendiz de padre operário, Emílio Rubens Chasseraux. Foi este que me ensinou: "Estarei sempre onde o povo estiver". E na cola dele, frei Josafá: "Defenderei sempre o povo da escravidão". Houve, no entanto outras vozes que não apenas diziam nem falavam, mas gritavam para que eu não fosse para onde o povo estava naquele momento: na favela do Vergueiro. Lembrei-me, então naquele dia, da aranha matinal, agora tecedora de outra realidade e símbolo da minha alma adolescente em dúvida entre os mundos de duas severidades: a humana e a divina.

Nessa briga de vozes, porém, meus fios de reta intenção me fizeram ouvir o claro sonho de me manter fiel ao povo de onde viera.

Segundo medo dominado!

Os embates que se seguiram foram intensos, com lances em que me vi ameaçado, desprezado e até caluniado. Até o dia em que a luz se fez novamente: manhã de quinta-feira, agora hora da meditação e reviva a aranha, momentaneamente pendurada no vitral atrás de um altar lateral da capela do Ipiranga.

Quando veio a tarde, o sol não estava mais macio como o estivera pela manhã. Sua força esturricou as linhas do sonho e não mais foram capazes de reproduzir seu brilho. E, com certeza, a aranha das retas linhas e intenções partiu para a construção de outras teias, em outras árvores

de outros morros e capelas. De outras manhãs.

Terceiro medo dominado, o definitivo.

Depois veio o tempo de bancário: Banco Moreira Salles. O tempo de metalúrgico: Metalúrgica Prada. A época de funcionário: atendente do INPS. E, finalmente, a parte melhor e maior: professor secundário e, simultaneamente, professor universitário. A reta intenção se transformou em luta pela subsistência: de manhã, de tarde e de noite. A observação da aranha deu lugar à obrigação pelo sustento da prole: ao invés de fios, filhos. E o medo cedeu seu lugar à coragem de providenciar a salvação da prole. Não eram mais almas que precisavam de mim mas corpos que dependiam de meu suor.

Uma perene quinta-feira: manhã de sol, perspectiva de calor vital, no caminho de subir e descer montanhas. Horas de estudo livre, tempos de outras teias dependuradas em ariscos troncos, na extensa floresta de enganos e de acertos. Vida humana que seguiu.

Chegou o medo do fim?



(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 80 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br

Dom José Maria Pinheiro canoniza novo Santo

José Moreira de Souza*



São Mosquinha teve a santidade publicamente reconhecida no 13º Encontro dos ex-alunos do Seminário do Ibaté. Não foi surpresa para os fiéis seminaristas que encheram a capela do Imaculado Coração de Maria na cidade de São Roque. Todos nós já tínhamos o Wilson como venerável. Era uma veneração privada. Porém, Dom Zé, como o chama nosso Antônio Carlos Correa, tornou pública a veneração elevando o beato Mosquinha às honras dos altares.

Narro isto para os que não puderam comparecer à cerimônia de canonização de São Mosquinha.

Dom José Maria Pinheiro recolheu relatos que circulavam de boca em boca do empenho de confessor da fé em São Roque de nosso venerável Wilson Mosca. Não apenas recolheu, mas acrescentou ao processo depoimentos vividos.

Com efeito, a preparação do 13º Encontro viveu momentos de dificuldade. Necessitava de um milagre para não interromper a série. Mosca não coçou a cabeça, nem procurou que crescer a barba; compartilhou a dificuldade. A primeira iniciativa foi de convidar os fiéis mais próximos à sacristia para anteciparem doações em pequenas parcelas mensais; a segunda foi de promover ampla campanha para angariar fundos advindos da venda de camisetas. O custo orçado do 13º Encontro ultrapassava a casa de R\$40.000,00. Ultrapassava, portanto, muitas vezes os dos encontros anteriores.

Confiante nas bênçãos celestiais, o venerável Mosquinha, sabia que a lista dos que alcançam as glórias na Casa do Pai, não conhecem o vil metal que movimentam os seres humanos neste Vale de Lágrimas. Bênçãos precisam de

mover vontades. Corazza, Barone, Beta, Coelho, Renato Artamendi, Dom Constantino, Dom Vieira, Monsenhor Expedito, Paulo Acácio, - ops, são mais de quatro páginas em nosso Missal do encontro. Operarii Autem Pauci!

Milagre, por intercessão de Wilson Mosca o encontro se realizou com toda pompa e circunstância. E surgiram novos candidatos à santidade.

Contudo, alerta, não vale comprar carta de Santidade. Em primeiro lugar há que ser dotado de humildade.

Poucos presenciaram idas e vindas de Mosca à São Roque. Pouquíssimos presenciaram a conferência de item por item de cada item necessário à Celebração da Amizade. Quem se lembra do Rol da Rouparia? Quase ninguém testemunhou o cuidado em conferir inscrições e preparar crachás.

Manhã do encontro, Mosquinha se levanta às 5 da madrugada, sem apelo do sineiro, sem obrigação de se comprometer com o banho frio da "turma da manhã". Sete horas, eis nosso venerável à frente das saletas da adega separando crachás e camisetas para acolher um a um cada um de nós.

Esta foi a declaração pública de canonização do nosso agora São Mosquinha.

Eu tenho outros santos canonizados em minha lista, mas não tenho a autoridade "a mim conferida" pela sagração. Mas desde o dia 25 de agosto "de manhã, ao levantar, de noite, ao deitar, antes e depois das refeições, nas tentações e nos perigos" rogo pelas bênçãos de São Mosquinha do Ibaté.



(*) José Moreira de Souza, 76 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. zedeflora@gmail.com

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

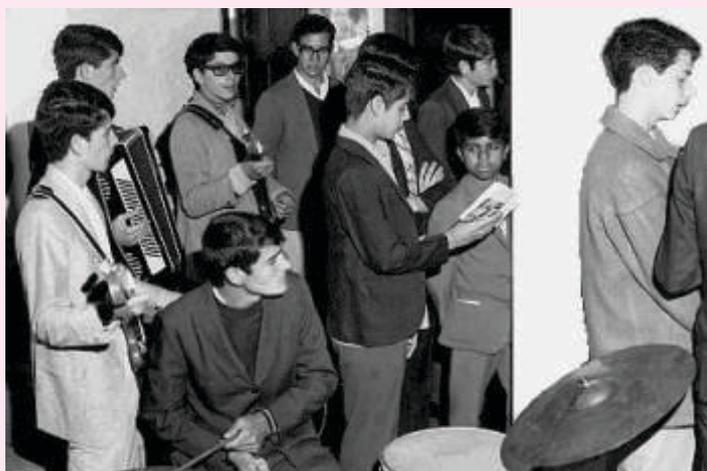
Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

A PRIMEIRA VEZ

Antônio Correa (Careca)*



O Grupo de Mariapolitas (Movimento Focolare) era composto por várias pessoas inteligentes e desenvolvidas espiritualmente. Criaturas muito boas. Para nós, um encontro cultural de grande valor.

Inúmeras vezes nos visitou lá em nosso Ibaté, lá pelos anos de 1966-67.

A casa cheia de gente nova, atenciosa e gentil. Muita conversa boa por aqueles corredores e pedras. José Lui, com sabedoria diria que aconteciam "conversas edificantes". Era uma grande alegria recebê-los e enchíamos o peito com seu admirável repertório musical. E lá, nosso conjunto acompanhando tudo, tudo, guitarras (Djalma & Carlos César), saxofone (José Cláudio Pepe), bateria (Acácio Fecchio-Zezo) e até acordeom (Rovirso). Lembra-me Sávio Amstalden, que sempre se destacava com sua voz perfeita, um diapasão vivo que admirava a todos. Até o Luiz Roberto Araçá fazia vibrar suas cordas vocais, ele que apenas tinha sido treinado com seus gritos a espantar tucanos de sua terra natal. A experiência equiparava-se a um grande feriado..., férias até, pela delícia dos momentos.

Pois então, almoçávamos e, em seguida, no mesmo refeitório, o "el comedor", esse florescente grupo era servido. Terminado nosso almoço, alguns de nós éramos selecionados para operar como garçons. "Hoje eu sou garçon", e um grande sorriso nos lábios. Servíamos aquele pessoal com muito gosto e era agradável também ter sido destacado para essa nobre função.

Cravada em minha memória está a lembrança de ter participado certa vez desse que pode ser chamado 'privilégio'. Fomos escolhidos em número de cinco. Cinco cândidos meninos para servir aquela tão seleta e civilizada comunidade!

Podemos hoje afirmar que passávamos ali uma verdadeira iniciação.

Um ritual completo. Cabeça, tronco e membros, como diz a Antropologia. Em nosso anterior almoço, tinha-nos sido servido a famosa "sangria", ou seja, o vinho era misturado à água, açúcar e provavelmente o caldo de algumas frutas, inclusive o de limão. Bebida deliciosa e refrigerante, que atendia bem ao paladar ibateano.

No almoço da galera de Mariópolis, o vinho era puro, de primeira qualidade, diretamente da garrafa ao copo, ato perfeitamente desconhecido naquele santuário de levitas. As rolhas eram cerimonialmente retiradas...

Quem resistiria àquela tentação?

O resultado foi a constituição de cinco meninos totalmente bêbados; picados pela molécula C₂H₆O.

Cinco cachaceirinhos trôpegos e cambaleantes.

As pernas cruzavam com passos incertos; o sangue fervia, os olhos miravam o infinito, a ausência de sensibilidade nas extremidades e as palavras e gargalhadas não tinham mais controle.

Falência total sistema nervoso central!

Perdeu-se a conta do número de garrafas.

O mundo girou errático.

Uma hora da tarde.

Dispensados de todas as nossas rotinas... Acordamos - fomos acordados - para o almoço do dia seguinte.

Nosso primeiro porre.

Não houve qualquer admoestação ou bronca.

Monsenhor Constantino foi até o dormitório para uma rápida vistoria e foi embora, defenestrou-se aceleradamente, coçando o alvoroço de sua cabeleira e acendendo seu Luís XV, aquele mesmo, que com cujas e tão cobiçadas bitucas tantos de nós aprendemos a fumar escondidos nas catacumbas.

O Padre Ruy Amaral Melo fez também sua visita. Não a podia perder, seja por zelo ou por curiosidade. Ele olhou, olhou e olhou, nada falou, mas não foi embora antes de nos benzer e murmurar algumas orações secretas numa língua já morta.

Ao que consta, houve total respeito com a experiência daqueles púberes. Não creio que eu tenha sofrido uma amnésia lacunar. Além disso, sabemos, hoje, que toda iniciação é coisa muito séria, que carrega em si uma alta dose de religiosidade. Ela engendra uma transformação interna, uma nova construção psíquica: uma modalidade mais realista de enxergar a vida e seus valores. Uma categoria mais madura de status social se alevanta. Um passo importante na vida... Imagino que tenha sido esse o motivo - deliberado ou não - de tal respeito e silêncio, verdadeiro adjutório, como se fosse uma aura protetora; encontrávamos sob o comando sábio da natureza.

Seguimos todos em frente e hoje cantamos felizes "O Sol já Raiou" desses tão ilustres Mariapolitas, erguendo nossos melhores brindes. Viva!

(*) Antonio Carlos Correa-Careca, 65 (64/67) É psicólogo em São Paulo acarlos90@uol.com.br

PARÓQUIA DAS TROVAS

Quando chega a Primavera,
no reviver dos amores,
é tempo de nova era
e dos tapetes de flores.

Joel Hireinaldo Barbieri (51/58)

Movimento paredista
insurgiu-se contra mim:
foi o Ouvido, foi a Vista,
Braços, Pernas, tudo enfim!

Ser trovador, que ventura,
cancioneiro da saudade;
trovador é quem procura
Espargir felicidade.

Ser refém dessa cambada
meio cego e sem ouvir,
sem poder fazer mais nada
está ferrado o Jurandyr...

Pra surdez: uma engenhoca...
Para os olhos: cirurgia...
E pra artrose? O que lhe toca?
Curtir dores todo o dia!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Não te apegues ao porão:
embaixo, soturno, escuro.
Liberta teu coração
voa alto e para o futuro.

Ao falar em amizade
meu coração se faz luz
é a maior preciosidade
Que ao bem estar nos conduz.

Alfredo Barbieri (49/53)

Tanto a consciência fustiga
a nossa mente, tem vez,
que a gente até se castiga
por um erro que não fez.

“Aproveita!...manda a grana!”
- Grita o mendigo, na rua -
“Esta é a última semana
que eu vou passar nessa rua!...”

Jaime Pina da Silveira (52/58)



Esta terra abençoada,
com seu povo varonil
não desiste da jornada
Salve!Salve!, oh meu Brasil!

Alberto Pimenta de Oliveira (53/58)

Envie-nos você também a sua trova

AVISO IMPORTANTE

A NOSSA CAIXA POSTAL 71509 - CEP 05020-970 FOI CANCELADA.

ENVIAR A CORRESPONDÊNCIA PARA:

ECHUS DO IBATÉ
A/C WILSON MOSCA
RUA CAIOWAA, 1872 - APTO. 34
01258-010-SÃO PAULO-SP



VILA DON PATTO

NATUREZA, LAZER & GASTRONOMIA

Em São Roque tem Seminário/Ibaté-formação,
Saboó, diversão, e agora,
Don Patto, que está de portas abertas
para recebê-los com um delicioso almoço
e um dia incrível de atrações.

- Culinária Portuguesa e Italiana -

Estrada do Vinho, km 2,5 – São Roque-SP
(11) 4711-3001

www.viladonpatto.com.br

Photantiqua

Dentre todos os monstros e fantasmas que habitam nosso interior - e habitam de fato! - O JACARÉ certamente ocupa um lugar especial, pois é o mais camarada e amigável de todos e não assusta ninguém; pelo contrário, traz-nos sua paz, segurança, maestria, força e poder. Tão querido e respeitado em sua ferocidade amiga, está ele lá, alojado e incrustado no interior de nossa alma, desde aqueles velhos tempos de Ibaté. É um tipo diferente de ex-aluno, um companheiro que lá tivemos.

Quantos de nós, cheios de ternura, já não "cavalgaram" esse belo animal e sentem hoje sua falta, uma certa nostalgia "alligatorideana", perguntam por ele a todo instante e derramam lágrimas sentidas, nos encontros, por não mais encontrá-lo ali em seu régio lugar, nos jardins da entrada, abaixo dos coqueiros que dão coquinho, quase em frente ao glorioso São José?!? Era uma de nossas recreações prediletas. Divertimento garantido. Sempre que nos deparávamos com ele, as tristezas iam embora e a alegria era geral. Conversávamos muito com ele; fazíamos perguntas importantes, e ele nos respondia sempre. Apesar de seu tamanho, era nosso mascotinho. Todos o adoravam.

E se por acaso, algum ibateano tiver o hábito de arriscar palpites na loteria com os números 57, 58, 59 e 60, não tendo plena consciência do porquê desses números... Bingo! Não tenha dúvida: eis aí a razão profunda dessas escolhas.

Conta-nos a história que tão logo tenha sido erguida nossa Gruta - ao final dos anos 1950 - um habilidoso pedreiro construiu-o com suas mágicas mãos, utilizando-se do material que sobrara daquela sagrada edificação. Era de concreto armado, semelhantemente ao famoso Prédio Martinelli da capital paulistana, que está até hoje lá; firme e forte como O JACARÉ, mas que não desapareceu, é uma relíquia arquitetônica.

Mas afinal, O JACARÉ era um jacaré ou um crocodilo?

Essa dúvida pode ter ocorrido a algum de seus fãs. Eles são muito parecidos... apenas parecidos, pois há diferenças significativas entre ambas as famílias (Crocodylidae & Alligatoridae), que poderiam ser observadas, dentre tantas, em sua dentição, no formato de cabeça, nas escamas no ventre, etc. No entanto, o mistério pode ser desvendado, se partirmos do pressuposto de que no Brasil não existem crocodilos ou que também esse nosso jacaré tenha a cabeça arredondada e não afilada. Isso basta. É jacaré mesmo!

Na Bíblia, o jacaré, como animal que se arrasta sobre a terra e/ou sobre a água, não é muito querido (Lev. 11:29-30), mas no Seminário de São Roque ele era, sim. E muito! No Egito, seu simbolismo era bastante mais generoso, pois era associado à fertilidade do Nilo e à capacidade de uma visão superior de enxergar outros planos - ligada sempre à ideia de não poder existir morte sem vida ou vida sem morte: ele tem uma vida dupla; seu habitat é a terra e também a água.

A primeira foto apresenta nosso amigo "sansão", Francisco Cléverton Ribeiro Marques (1959/62). É de seu acervo pessoal. Foi esse vigoroso adolescente que por sua intensa prática de espiribol ""conseguiu abrir a boca de O JACARÉ"".

Com o fechamento do seminário, em 1973, houve que nosso motorista, o Luizão, levou-o para ser guardado, por prudência e cautela, ornamentando lá no fundo o jardim de sua casa, local onde permanece até os dias de hoje. Ele foi e está sendo muito bem tratado, o que pode ser constatado na segunda foto, batida que foi pelo amigo Eduardo Antônio Santiago, o Manga (1971/73).

Ele nos traz sempre muito boas lembranças...

Vive tu, amável JACARÉ - vínculo importante de nossos corações com o ibaté - para consolo de seus amigos e felicidade integral de todos que o amaram!



NOSSO JACARÉ NO JARDIM DO LUISÃO



FRANCISCO CLÉVERTON R. MARQUES E O JACARÉ

PHOTHODIERNA



CHÁCARA DA ANGÉLICA E DO JOAQUINZÃO - 10.X.2009

Um dia bem vindo como a primavera: comemoração do aniversário do jovem Joaquinção (02.X). Também comemorava seu aniversário um dos convidados especiais, o amigo Carlos Domingues Cosso (02.X). A casa cheia de amigos. Um paraíso! Alegria, entusiasmo, encanto, elegância e beleza extraordinária. Acontecimento inesquecível. A gratidão de todos os convidados presentes.

em pé: PAULO SEBASTIÃO RIBEIRO (50/55) - LUZIA BRUNACCI (esposa de Atílio) - SÉRGIO ALEXANDRE FIORAVANTE (49/53) - JOAQUIM BARBOSA DE OLIVEIRA (Joaquinção - 49/55) - DAVID DE MORAES (49/54) - ANGÉLICA DE OLIVEIRA (esposa do Joaquinção) - ALFREDO BARBIERI (49/53) - CARLOS EDUARDO AMARAL (amigo de Francisco Fierro) - LUIZ PEDRO DE ARAÚJO (Vó, 49/55) - JOÃO ARMANDO FORNAZIERI (50/55) - ANA MARIA GRECO (esposa de Fornazieri) - ATTÍLIO BRUNACCI (Tatu- Caridade, 49/55) - LUIZ DE GONZAGA GIANINI (50/56) - TERESA FRANÇA DE OLIVEIRA (esposa de Quinzinho) - CARLOS DOMINGUES COSSO (54/57) - ROSE LUI, esposa de José Lui). - MARILDA COSSO (esposa de Carlos D.Cosso). - JOSÉ LUI (Caipira 49/56).

sentados-agachados: FRANCISCO FIERRO (49/53) - DARCY CORAZZA (49/52) - BISSOLINHO (filho de Celso Bissoli) - CELSO BISSOLI (49/51) - JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA (Quinzinho, 50/56) - WILSON MOSCA (55/57) - LOURENÇO MEDEIROS FERNANDES (Perereca, 1949)



As esposas presentes à reunião
ANGÉLICA OLIVEIRA (esposa do Joaquinção) - LUZIA BRUNACCI (esposa do Atílio Brunacci) - ANA MARIA GRECO (esposa do João Armando Fornazieri) - MARILDA COSSO (esposa de Carlos D.Cosso) - ROSE LUI (esposa de José Lui) e TERESA FRANÇA OLIVEIRA (esposa de Joaquim Benedicto Oliveira)



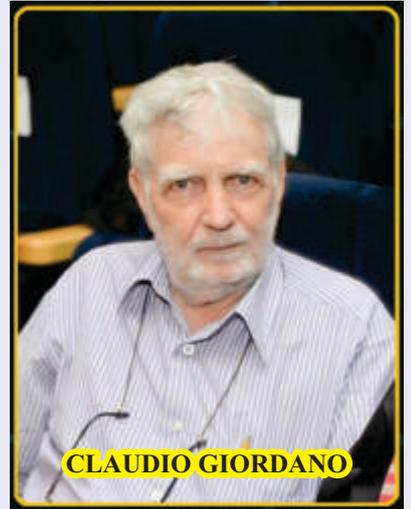
Angélica Oliveira, a anfitriã.

Uma pitadinha de

Literatura



Cláudio Giordano é ex-aluno do Ibaté, lá esteve entre 1951 e 1957. Contava com 11 anos de idade quando foi admitido e não demorou muito para que se revelasse não um leitor comum, mas verdadeiramente um grande devorador de livros, isso mesmo, talvez o maior deles dentre todos os alunos que por lá passaram. Já fez de tudo nessa vida e para saber um pouco mais a seu respeito, veja os artigos a ele referidos nos Echus de números 05, 31, 43, 63 e 80 e tantas outros em que se discorre um pouco sobre suas várias atividades: é escritor, tradutor e editor. Fundador e diretor presidente da Oficina do Livro 'Rubens Borba de Moraes', durante seguidos anos, - associação em que se dedicou à reedição de preciosas raridades e também a manter vivas as obras de autores mundialmente pouco conhecidos - entusiasmou-se bastante com o convite que lhe fizemos para participar intensamente deste jornal através da contribuição de seus próprios escritos e para apresentar-nos outras obras de sua gigantesca coleção, importantes de serem divulgadas no meio cultural.



CLAUDIO GIORDANO

MONTEIRO LOBATO E ALÍNGUADO JECA

Achei num sebo o livro Rosário de Capiá, de Nhô Bento (José Bento de Oliveira), publicado em 1946, sem marca de editora. Antes de mim, o dono anterior também deve ter campeado o volume em sebo, pois lá no alto direito da folha de rosto vem o carimbo do velho Gazeau.

Ilustram o volume Belmonte, Bilu, Amaro, Nino Borges e A. Esteves, desenhista também da capa.

O prefácio é de Monteiro Lobato, o que me levou a adquirir o exemplar, pois, além de desconhecer Nhô Bento, o preço fugia a meus padrões de compra.

Como o prefácio é eloquente de per si e reproduz-se adiante, esquivo-me de outras considerações, que não seja a de informar, louvando-me do Dicionário de Autores Paulistas e do Dicionário Literário Brasileiro, que Nhô Bento, autodidata e repentista, foi José Bento de Oliveira, nascido em São Sebastião-SP, em 21 de março de 1902, e morto, segundo Raimundo de Menezes, em 12 de janeiro de 1968, em S.Paulo, capital. Marcou presença em programa da Rádio Gazeta.

Vale apontar que os dicionaristas mencionam 1947 como ano da edição do livro de Nhô Bento, no entanto o exemplar que tenho em mãos traz 1946 em corpo vinte na folha de rosto e em corpo menor na página II.

Prefácios e Entrevistas, volume 13, 1a.série, das Obras Completas de Lobato, inclui o texto aqui reproduzido, sob o título: "Prefácio às Contas de Capiá de Nhô Bento".

Cláudio Giordano

PREFÁCIO ÀS CONTAS DE CAPIÁ DE NHÔ BENTO

Foi na casa de Cícero Marques. Certa noite vi lá dois estranhos, um gordão e moreno, a quem davam o nome de Nhô Bento-e era de fato um perfeito "Nhô", bonachão, sossegado. Outro, um chatola, foi-me apresentado como Pagano. Eu podia pensar tudo daqueles dois homens, menos que fossem dois verdadeiros e grande poetas. Em certo momento Cícero pede a Nhô Bento que recite um dos seus poemas. Nhô Bento levanta-se e limpa o pigarro - e eu suspiro por dentro, preparando-me para a seca. Esses tais recitativos de encomenda são em geral uma estopada que a gente tem que engolir de cara amável, com palminhas no fim e pedidos hipócritas de "Recite outra..."

Mas a minha surpresa foi grande. O homem pôs-se a dizer, com uma expressão, uma verdade e uma propriedade inexcelsível, os melhores poemas caipiras que ainda ouvi-ricos de imagens novas, de modismos, de mil particularidades que no momento eu podia analisar mas me enlevavam, como igualmente enlevaram



MONTEIRO LOBATO

a todos os presentes. Cícero olhava-me orgulhoso-o orgulho dum empresário feliz. "Eu não dizia?" era a sua expressão ante o nosso espanto. E quando entre palmas Nhô Bento terminou o seu poema, o "Recite outro!" foi geral e sinceríssimo, porque versos como aqueles são como bombocados que um não contenta.

E depois de Nhô Bento levantou-se Pagano e também disse emocionantemente vários dos seus "poemas negros", tão pitorescos e doridos. Foi uma das mais belas noites de minha vida, essa em que travei conhecimento com dois estranhíssimos poetas, desses que não fazem invocação a Apolo, não entram nas academias, mas enchem a alma do povo e immortalizam-se de verdade-como o grande Catulo.

Discutiu-se depois a publicação dos poemas de Nhô Bento e com prefácio meu! Pobre de mim! O menos crítico dos homens, o mais sem jeito, e virado "prefaciador oficial"

de livros, como antigamente havia na roça aqueles "oradores oficiais" das festinhas de família...

Mas como eu já havia jurado aos deuses pôr fim a essa função prefaciadora, venho hoje declarar em público e raso que não, não e não. Não faço o prefácio pedido, não só para não ficar mal perante os deuses, como porque acho difícilimo fazer um prefácio decente para um livro excepcionalmente bom, sincero, leal e de tanta beleza rústica como este de Nhô Bento. Não o faço porque iria naufragar - e onde já se viu naufrágio de motu-próprio?

Este nosso país é um assombro. Nascemos aqui, vivemos e morremos aqui e não o conhecemos. Conhecemo-lo tão pouco que quando apareceu o primeiro retrato d'après nature do jeca foi um espanto geral, e uma celeuma que durou anos e ainda é debatida. É que ninguém sabia como era o jeca - e sabem quantos jecas há neste país? Milhões. Talvez 15 milhões, isto é, a terceira parte da nação! Mas esses milhões de nacionais vivem de tal modo segregados da civilização das cidades grandes e pequenas, tão alheios à cultura geral, que somos etnograficamente um balde com dois terços de água e um de azeite - coisas imisturáveis.

Temos duas civilizações, ou melhor, duas "culturas: a cultura importada, dos que vivem nas cidades, sabem ler e escrever e até livros escrevem! E a "cultura local", filha da terra como um cogumelo é filho dum pau poder, desenvolvida pelos homens do mato - o caboclo, o caipira, o jeca, sem suma. Como o jeca nunca leu nada nem escreve, a sua cultura se foi fazendo ao tipo primitivo, por lentas acessões e restritas experiências locais - e com a transmissão sempre oral. O assunto é grande demais para caber num prefácio: exige livros, já que se trata duma "cultura" de 15 milhões de seres humanos. Mas cumpre-nos aqui considerar a galope um dos aspectos dessa "cultura": a língua, pois foi na língua do jeca que Nhô Bento nos encantou.

Essa língua descende da que os portugueses introduziram e que alijou a língua geral então existente nestes territórios: o tupi-guarani. Ficou a língua portuguesa sendo a língua geral do Brasil e até hoje o é. E por que o é? Porque aprendemos português de duas maneiras: de ouvido e de leitura. Se o aprendêssemos só de ouvido, como acontece com o jeca, a nossa "língua geral" estaria hoje tão distanciada da língua portuguesa que um português não a entenderia. O que conserva as línguas e impede que caminhem com velocidade excessiva pela tentadora estrada da evolução é a escrita.

Mas o jeca nunca soube ler nem escrever, a evolução da língua portuguesa em sua boca se fez a galopel Nhô Bento em seus poemas friza muito bem a língua falada do jeca - e antes que me esqueça: porque os nossos filólogos não extraem a gramática dessa língua do jeca? Que interessante seria!... quanta "mutação" vocabular, quanta variação da sintaxe, da prosódia, de tudo!... Troca o b pelo v: cumbersa, berso, cuverta... O lh substituído pelo i: abeia, paia, maia (malha)... O ou reduzido a ô: fumo, boto... Quantos aspectos!

Devíamos fazer a gramática da interessantíssima "língua do jeca" como os franceses fizeram a gramática da "língua de oc"; e devíamos ensinar essa gramática nas escolas, lado a lado com a gramática portuguesa, em vez de torturar as pobres crianças com o terrível e inútil latim do senhor Capanema. Ficaríamos assim educados em duas línguas, a geral, ou portuguesa, e uma língua auxiliar, a do jeca. Que vantagem levaria nisso? Oh, grande: - podemos falar gramaticalmente com 15 milhões de jecas que há no território brasileiro.

A evolução dessa língua é curiosíssima e inteligentíssima, como todas as evoluções não atrapalhadas pelos breques dos artificialismos. A forma escrita das línguas é um artificialismo tremendamente embaraçador da evolução natural das línguas. Tão emperrado, que no inglês a língua falada está p'ra cá e a escrita está p'ra lá. Mr Churchill escreve enough e diz enãf. O jeca teve a felicidade de não saber ler nem escrever, de não se preocupar com a Academia de Letras, de usar dos jornais unicamente o papel - e graças a isso "evoluiu" a língua portuguesa só de ouvido e sempre de acordo com as injunções da "lei do menor esforço" e da "lei da melhor compreensão". E como suprimiu besteiras inúteis! Os verbos, por exemplo. Nós, por causa da tirania da escrita, ainda estamos com tantas variações pessoais com as tinha o latim. Dizemos: Eu tenho, tu tens, ele tem, nós temos, vós tendes, eles têm. Há um grande defeito aqui. Se o pronome já indica a pessoa do verbo, porque indicá-lo novamente com a variação do verbo? Redundância, bobagem - perda de esforço. O jeca, muito mais economizador de esforço, porque vive na maior das penúrias, diz: eu tenho, vancê tem, ele tem, nós tem, vancês tem, eles tem.

O inglês também diz: I have, you have, we have, hou have, they have - e tanto o jeca como o inglês exprimem perfeitamente a "pessoa que tem", sem estarem latinescamente variando o pobre verbo.

Há uma estranha aproximação do inglês com a língua do jeca, a ponto dum meu amigo, o visconde de Sabugosa, achar que essa língua deriva do inglês e não do português, como o saudoso Álvaro Guerra supunha. O jeca forma os seus plurais como mesma inteligência e economia do inglês; diz, por exemplo, "as casa", "os home", "as muié", em vez de dizer redundantemente como o português, "as casas", "os homens", "as mulheres". O inglês diz "the houses" (o casas), "the men" (o homens), "the womens" (o mulheres) - a mesma coisa que o jeca, só que invertido. Se pondo apenas o artigo no plural a frase fica perfeitamente clara, para que botar no plural também o substantivo? Pensa com muita razão o jeca - e o inglês faz o mesmo raciocínio quando pluraliza o substantivo e não mexe no artigo.

Tudo isso eu diria no prefácio ao livro do Nhô Bento, se fosse escrevê-lo. E acentuaria que o mesmo direito que tiveram os portugueses de corromper o latim e transformá-lo em língua portuguesa, temos nós, letrados, de corromper a língua portuguesa e transformá-la na "língua brasileira"; e tem o iletrado jeca de "evolui-la" em outro rumo. Mas cientificamente, podemos dizer que a língua portuguesa no Brasil está sofrendo duas variações: uma lenta da gente que sabe ler e escrever; e outra rápida, da gente da roça segregada do urbanismo, do livro, do jornal e do rádio - o abençoado jeca que tem a sorte de não ler os jornais do governo nem os da oposição e de não ouvir a "Hora do Brasil".

Quem condena como "coisa errada" o modo de falar ou a língua do jeca revela-se curto de miolo. Os modos de variações duma língua são fenômenos naturais, e não há erro nos fenômenos naturais. Erro é coisa humana. Temos que estudar essas variações em vez de toantemente condená-las, pois condená-las equivale, por exemplo, a condenar os anéis de Saturno em nome dos planetas que não possuem anéis, ou as caudas dos cometas em nome dos astros suras; ou as sementes da paineira por virem ao mundo envoltas num algodãozinho em nome das sementes de capiá que vêm nuas.

O latim bárbaro dizia, ou devia dizer, Oculavit ad me (Informação



do meu distinto e sábio amigo Fernando de Azevedo.). Por uma série de corrupções que os filólogos de bom faro rastreiam, esse latim deu em Portugal a variação: OLHOU BEM PARA MIM. Houve melhoria de expressão; o "bem" está acentuando o modo de olhar.

O jeca ainda melhorou mais a frase e diz, como vemos no "Doce de Cidra", um dos poemas de Nhô Bento: OLHÔ BEM N'EU. O pobre jeca, sempre de estômago vazio e na embira, forçado a levar o máximo de suas conseqüências a lei do menor esforço, suprimiu o inútil u do olhou e dispensou a variação pronominal mim, já que só com o pronome eu ele (e todo mundo) se arranja perfeitamente bem.

Mas como tratar dum assunto tão suculento e longo dentro da curteza dum prefácio? Só no que diz respeito ao setor "língua do jeca", como Nhô Bento a fixou em seu livro, teríamos de escrever um volume de 600 páginas.

Bem: e quanto teríamos de escrever sobre o mérito dos poemas - o mérito poético, o mérito emotivo, o mérito humorístico, o mérito pitoresco, o mérito beleza? Livros e livros... E querem que tudo caiba no coitadinho de um prefácio...

Não, Nhô Bento, não posso fazer o prefácio que você quer. Há coisas demais em seu livro e

*Quem de tudo qué sabê
acaba, não sei proquê,
maluco que intê dá medo
fazendo as coisas nos dedo
sem nunca podê acertá*

O poema em que estão estes versos abre o livro e tem o nome de "Rosário de Capiá". Que linda obra-prima de observação da natureza agreste e correlacionamento com a emoção humana! O capiá é um capim alto que dá como semente umas contas azulengas muito lustrosas e duras, com as quais na roça se fazem os rosários. Parece que já nascem para isso, pois apresentam um furinho dum extremo a outro, muito próprio para receber o fio de linha. Para o bom Bernardim de Saint Pierre os melões também nascem com a casca dividida em gomos para nos facilitar o corte das fatias. Nhô Bento começa o poema figurando à margem dum corgo uma touceira de capiá que ali nasceu e vive a ver "a água correr o ano inteiro sem parar". O meio de com aquelas contas azulengas fazer um rosário é só a gente passá

*um fio de linha no meio,
prá mode enfia as continhas,
com jeito, pra não errá...
Quando o fio tive bem cheio,
côas conta tudo juntinha,
também tá prontinho e feito
um rosarinho de capiá...*

Só isso. É assim que na roça as meninas ou a mulher do jeca fazem os seus rosários, muito bem vistos no céu do que esses rosários de luxo das damas ricas das cidades. Nhô Bento dá alma às contas de capiá e mostra-nos no seu convívio com as águas do corgo.

*Mas, como eu ia contando,
as conta de capiá
azuzinha, bonitinha,
quando elas fica quietinha,
paradinha na varinha,
tão vendo o corgo passá.*

"Paradinha na varinha", isto é, nos caules do capim, como pedantescamente nós, letrados, dizemos. E agora vem a filosofia do poeta: o corgo é a vida que passa; e as contas presas ali no caule ficam

*guardando pra não perdê
o que as água mexerica,
e que o corgo vai dizendo,
se coçando, se lambendo,
espaçando os mixirico,
regatero que nem mico,
pulando que nem saci!*

Mas a água que corre também tem seus sofrimentos, a coitadinha; e
*passa as veis triste, calada,
não canta, não diz nada,
só geme co'a dô que tem...*

Oh, o choro das águas que passam! É a dor que as contas do capiá não contam para ninguém; guardam consigo, não contam mas a gente

*... adivinha
proquê o jeito das continha
ademonstra sem falá...*

Pois foi observando as contas do capiá às voltas com as águas do corgo, "olhando, sem piscar, paradinhas e quietinhas, tudo que se passa", que o poeta 'maginou' e 'garrou' o

*... cumprimisso
de ponhá num fio de linha,
prá mode ficá bem juntinha,
minhas conta de capiá -*

Isto é, as recordações de sua vida, seus amores, suas mudanças de terra, tudo que viu e aprendeu do seu posto de estacionamento à beira do corgo da vida. E Nhô Bento compõe um poema dos mais realmente poéticos que possam existir. As principais contas de capiá de sua vida ele as enfileira ali, sobretudo a profunda afeição pela doce criatura que o botou no mundo -

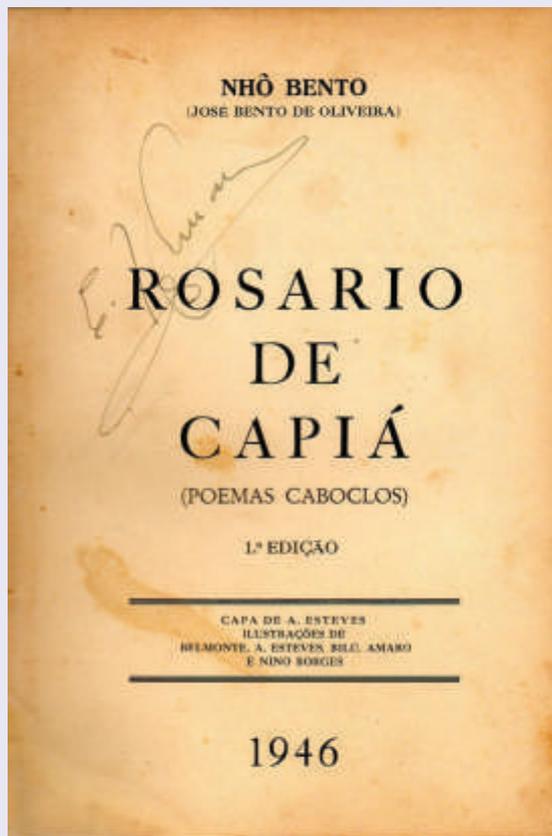
*Aquela que só aconselhava
intê quando ralhava.*

E um dia o bom filho, já na idade madura, sentiu em si a eclosão do poeta; organiza então um rosário com as contas de capiá de sua vida para dá-lo de presente à sua mãezinha já no céu.

*No fim, quando enfiei a conta que fartava
pra sê a urtima conta infia no fio,
meu coração tremendo se ria e chorava
e se assombrva intê co isso tudo que viu...
Meu pensamento então foi longe e me largô.
Levô o fio de linha e as conta que enfiava,
foi no céu campeá minha mãe donde tava,
deu de presente a ela o rosário e vortô...*

O prefácio teria de historiar esse comprido poema, e todos os outros, e acentuar-lhe as belezas ingênuas, só assim ficaria o leitor com uma ideia apaixonada da significação do livro de Nhô Bento.

Quanta coisa linda esse livro nos vai deparando! Quanta continha de capiá no rosário de cada poema! Um deles me parece talvez o melhor da coleção - "Ribeirãozinho".
*Aquela caboca ladina e facera
que um dia, na estrada,
parô na portera,*



me oiando incantada,
gostando de mim;
aquela caboca que eu sendo tão feio
me achava bonito, vestindo um pareio
de ropa de brim...
Aquela caboca que espia o que eu faço...
Aquela caboca que insina eu cantá...
Aquela caboca que sempre me espia
falou que eu devia
oiá o ribeirão,
ponhando tenção
no que as água fala depressa, correndo.

E o poeta descreve o ribeirão cujas águas passam resmungando
"que nem gente véia".

Oiando bem nele, de olho istanhado,
é que a gente pesca o que vai fazendo
o ribeirãozinho que passa correndo,
antêro e assanhado,
que depois, parado,
cochila e descansa
taliquá criança
que parece que cai de cancêra
tá logo assuntando quarque brincadeira.

E quem poderá pintar melhor a travessura das águas em seu eterno
defluir?

Quando ele esperneia que nem cabritinho
pregando pulinho
rasgando a ropinha de espuma que fica,
é mesmo a criança levada e curica
que brinca e que canta
desde que alevanta...
Que atrepa nas arve que nem serelepe
que se desimbesta prô riba do estrepe
côs dois pés no chão;
que máia o dedão
nas pedra da estrada,
se rindo, zombando, fazendo caçoada
porque não há nada
que faça pará
criança levada
quando qué reiná...
As águas que passa ligeira, pulando,
é iguá co'a criança quando tão brincando
de "mestre manda"... de "tempo será"...

E Nhô Bento vai por aí além, "criuando", criando coisas inéditas em
nossa literatura, tão simples, tão ricas de sugestão e beleza
campestre.

E as águas vão indo,
correndo e sumindo,
aluindo os barrancos, mexendo as pedrinha,
fazendo fosquinha,
taliquá criança
que mexe com tudo que topa e que arcança,
fazendo micage, ponhando defeito
co'a gente mais veia fartando o respeito ...

Todas as nuances da água que flui são lembradas no poema de Nhô
Bento.

Ele não esquece das flores que caem n'água:
E as frô, despencando,
vão se debuiando
no ribeirãozinho,
os gato das arve largando sozinho
que nem fio ingrato
que esquece do trato
que teve do pai...
Ponhando sentido nas frô, quando cai,
quarquê comparança
se faiz co'a esperança

que a gente pissuiu
e se consumiu...

E afinal as flores vão virando babugem e param na espuma dos
poços remansados. O poeta conta isso assim:

E quando o corguinho, decerto cansado,
cochila, parado,
as frô que caíram
que se coonsumiram,
que também parô,
mas mudô de cô
de tanto rolá,
dá pena se oiá!
Tá tudo juntinha,
tudo agarradinha,
que nem se conhece...
Vendo elas parece
que a espuma vermêia
que deixa elas feia
é que nem as cova mostrando os ossinho
de um corpo de anjinho.

.....
Tá tudo quietinho.
intê os passarinho
cumbersa baxinho!

Como fazer prefácio a um livro dum diabo assim? Impossível.
Ficaria grande demais e não diria nem metade do que a obra
merece.

Não cabe à crítica julgar Nhô Bento. Isso está feito pelo juiz
supremo: a enlevada expressão de encantamento de todos
quantos o ouvem recitar. Diante desse enlevo, que vale a
aprovação dum crítico? E como é disputado Nhô Bento! Todos o
querem. Solicitam-no de todos os lados, para todas as festas como
Catulo em seu período áureo.

E vendo isso, e comparando o enlevo que seus poemas nos
provocam, ficamos a imaginar que neste país de duas "culturas" tão
diversas, a letrada e a iletrada, talvez seja a iletrada a mais
interessante, a mais original, a mais rica em poesia. Pelo menos a
poesia que nela existe é local, inédita, nascida aqui mesmo como
os musgos, as avencas, as orelhas de pau. A outra cultura é, e
sempre foi, de importação. Importou no começo a arte e a poesia
do "reino"; depois importou-as da França; depois passou a recebê-
las do mundo inteiro: e quando nasceu por lá a bobagem do
Marinetti, nossa culturinha litorânea, bobinha, bobinha, começou
a marinettizar - e até hoje anda nisso em vários setores, como no da
pintura, sem jamais conseguir que ninguém se interesse pelo que o
jeca chama de "porcaria".

Como prefaciador o livro de Nhô Bento, se esse livro é um formigueiro
de sugestões mais inextinguível que certos formigueiros de saúva?
Quanto mais a gente mexe nele, mais saúvas saem - e como botar
todas dentro dum pobre prefácio de uma dúzia de páginas?

Não, meu caro Nhô Bento. Prometi um prefácio para seu livro, não
nego, mãe é que não o havia lido ainda. Agora que o li, rô a corda.
E não, porque um prefácio decente teria que sair do tamanho dum
dicionário. O melhor, em vez de prefácio, é dizer uma outra coisa
só ao leitor:

Amigo, leia Nhô Bento e aprenda; fique sabendo que poesia da
verdadeira é isso. O que anda por aí é "intelectualismo
versificado", lindo às vezes, mas com muito pouca verdadeira
poesia dentro - e poesia local, original, inédita, nenhuma - salvo
nos livros de Catulo. Leia o Rosário de Capiá, se quer tomar um
banho de imersão em poesia pura e travar relações com a língua do
jeca - muito mais interessante e inteligente que nossa língua de
letrados.

Monteiro Lobato

NÃO PERCAMOS A ESPERANÇA

Alberto Pimenta de Oliveira*



O Brasil, país de grande extensão territorial e com uma população multirracial, já registrou ao longo de sua história, situações e conflitos de toda natureza. Atualmente, vem enfrentando uma crise sem precedentes que atinge todos os setores da vida pública. No campo social, o desemprego de milhões de brasileiros; no setor econômico, a grave recessão que leva empresas e o comércio em geral a cerrarem suas portas; na política, graves desmandos com notícias sobre a malversação do erário público. As notícias dão conta de que homens públicos, revestidos da mais alta responsabilidade, são os primeiros a cometerem atos de improbidade administrativa. Estamos diante de uma deplorável realidade que compromete seriamente a credibilidade em nossos homens públicos.

A presente conjuntura obriga sindicatos e demais entidades representativas das classes trabalhadoras a ganharem as ruas, clamando por seus direitos e melhores condições de vida. A população brasileira está sentindo na pele as consequências dos abusos cometidos e os clamores se fazem ouvir por toda parte.

O Brasil, em relação aos outros países, ainda é muito jovem. Tem muito o que escrever em sua história. O progresso haverá de crescer, estendendo-se por todos os seus recantos. É, hoje, um país de grande extensão territorial e baixa densidade demográfica. As grandes potências da atualidade levaram séculos e séculos para se destacarem

dentre as demais nações. A história da França, por exemplo, remonta aos primeiros séculos logo após a queda do império romano no século V da nossa era. Portanto, o nosso Brasil tem muito caminho pela frente.

É hora de alentar nossas esperanças em dias melhores. Esta terra abençoada, tão celebrada em nossos hinos pátrios, não está adormecida em berço esplêndido; está, sim, renovando suas energias para vencer os desafios do momento presente e restabelecer a confiança e a credibilidade nos futuros homens públicos perante o povo brasileiro e demais nações. Nossa gente é laboriosa e apaixonada por esta terra. O sentimento de brasilidade vibra fortemente em cada coração.

Ao longo de nossa história, superamos reveses de toda sorte. A crise atual é momentânea e, por isso, confiamos num futuro mais radiante e promissor. Os bons princípios e honestidade de propósitos, aliados ao grande senso de responsabilidade, nortearão a conduta dos nossos futuros homens públicos, e o Brasil retomará o ritmo do progresso, com paz e prosperidade para a nossa gente.

Nosso sentimento de brasilidade e de esperança pode ser traduzido pelos seguintes versos do poeta romântico Casimiro de Abreu: "Todos cantam sua terra/ Também vou cantar a minha/ Nas débeis cordas da lira/ Hei de fazê-la rainha."

Unamos nossas vozes à voz deste grande poeta.

(* Alberto Pimenta de Oliveira, 80 (53/58) é Advogado e Professor aposentado. Membro da A.V.L. (Academia Venceslauense de Letras). Mora em Prudente Venceslau_SP pipinooliveira@hotmail.com

Para-choque do Caminhão do Ubaté

A esperteza, um dia,
é descoberta e
vira vergonha.



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

NA CASA DO PAI



VALTER RODRIGUES MARIA

Faleceu no dia 02.06.2017 o ibateano Valter Rodrigues Maria (50/51), aos 82 anos de idade. Morava em Avaré-SP.



JOSÉ CAVALCANTI BRAGA

Faleceu no dia 19.09.2017 o ibateano José Cavalcanti Braga (67/70), aos 65 anos de idade. Morava em São Paulo-SP.



Nazareth dos Reis

Faleceu no dia 21.09.2017 o ibateano Nazareth dos Reis (57/59), aos 80 anos de idade. Professor aposentado da UFMS-Campus de Três Lagoas-MS, curso de História. Morava em Três Lagoas-MS.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Pe. João Rípoli (57) - Me identifico: sou João Ripoli - nascido em 04/10/1936. Exerço meu ministério desde 1964 na Arquidiocese de Ribeirão Preto.

Aos 75 anos, depois de passar por várias de nossas comunidades apresentei a minha renúncia. Hoje celebro em algumas comunidades de amigos Padres que pedem para eu celebrar.

Nestes anos todos tenho trabalhado com crianças e adolescentes e agora de um modo bem concreto em nossa obra, a Fraternidade Solidária São Francisco de Assis, com 144 crianças adolescentes. Visito cotidianamente as unidades prisionais pela pastoral carcerária. Às sextas-feiras ou o Pe. Severino Germano ou eu celebramos para dependentes químicos a Fundação Rarev.

Sou do ano de 1957 em S. Roque (6º ano) junto com os da Arquidiocese de São Paulo, sou da turma do Justo, meu padrinho de batina foi o Padre Ruy.

Gostaria de participar do Encontro de 26/08, mas sinto-me impossibilitado. Agradeço-lhes por me enviarem sempre o Echus: motivo de grande alegria e saudades do passado, hoje tão presente em nossas vidas. Sou dos "remanescentes".

Peço-lhes para me enviarem endereços e telefones do Justo, Mosca e Atílio.

Envio-lhes R\$ 1.000,00. Depósito Banco do Brasil Ag:6954 x. Minha colaboração por sempre nos mandarem o Echus.

Peço ao Atílio mandar-me o livro de Pe. Augusti: participei de toda a agonia da ditadura. Tive que ir várias vezes para limpar meu nome na 2ª Auditoria da Justiça Militar, aí em São Paulo. Abraços fraternos a todos os familiares dos ibateanos. Ribeirão Preto-SP 23.08.2017 peripoli@terra.com.br

Na foto, Pe. Ripoli com grupo de crianças e adolescentes.



ECOS DO XIII ENCONTRO



SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL-SP
ADMINISTRAÇÃO RAMALHO
SAUDA OS PARTICIPANTES DO XIII ENCONTRO

CENAS REAIS, GRANDE EMOÇÃO

UM ENCONTRO DE VELHOS E ETERNOS AMIGOS



AMIGOS PARA SEMPRE



FAMILIAS IBATEANAS

CASO EDIFICANTE O CAMINHO...



José Lui*

Dois pastores estão perdidos e um deles pergunta para um homem que está encostado no poste totalmente bêbado:

-Com licença, você sabe me informar onde fica a farmácia?

E o bêbado explica

-Claro, fica ali na esquina virando à direita.

Os pastores agradecem, começam a seguir o caminho mas um pergunta ao outro:

-Será que não deveríamos ajudar aquele homem que tomou o caminho da bebida?

E o outro responde:

-É verdade, temos o dever de ensinar a palavra do Senhor e ajudar aquele homem.

Eles voltam até o bêbado e perguntam:

-Moço você gostaria que te ensinássemos o Caminho de Deus?

O bêbado mediu os pastores de baixo para cima e respondeu:

-Mas como assim, vocês nem sabem o caminho da farmácia, imagine o Caminho de Deus!!!

(*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215
São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 30.09.2017	
POSIÇÃO EM 31.07.2017	24.921,70
ENTRADAS	
Contribuições e doações	13.729,55
Inscrições XIII Encontro	7.722,00
Camisetas	1.400,00
Juros	112,93
TOTAL ENTRADAS	22.964,48
SAÍDAS	
Diagramação Echus 150	560,00
Tendas	5.250,00
Churrasco	17.151,00
Cerveja	1.629,00
Faixas	717,75
Camisetas	290,00
Matl.Limpeza	644,00
Som	1.100,00
Fotos	1.200,00
Pessoal Apoio	2.200,00
Produtos Diversos	3.315,93
Seminário do Ibaté	1.070,00
Despesas Correios	55,35
Despesas Bancárias	53,90
TOTAL SAÍDAS	35.236,93
SALDO ATUAL 30.09.2017	12.649,25
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.08.2017 a 30.09.2017, dos seguintes colegas: Alberto Alonso Casemiro, Alberto Pimenta Junior, Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa, Antonio da Aparecida Simões Cucio, Antonio de Lima, Antonio Martini, Antonio Pinto Ramalho Junior, Asdrubal Baruffaldi, Attilio Brunacci, David de Moraes, Donizete Aparecido Martins, Fausto Guimarães Fortes, Francisco Fierro, Irineu Xavier Cotrim, Isidoro da Silva Leite, Joaquim Benedicto de Oliveira, José Carlos Bochini, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Gonçalves da Silva Filho, José Justo da Silva, José Lui, José Luiz Mariano Gomide, José Moreira de Souza, José Novaes, José Paulo Bruna, Luiz Alberto Correa da Silva, Luiz João Corrar, Marcio Pereira da Silva, Roberto Delgado de Carvalho, Roberto Lui, Rocco Antonio Evangelista, Rogério Guimarães Fortes, Sergio Alexandre Fioravanti, Valter Cruz, Vicente de Paulo Moraes, Walmir da Silva Gomes, Wilson Cândido Cruz e Wilson Mosca. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa-Careca, Antonio Jurandy Amadi, Claudio Giordano, Getulino do Espírito Santo Maciel, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail: echus@zipmail.com.br; echusdoibate@gmail.com
- Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com

- Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://177.103.223.197/Echusdoibate/>

Diagramação: Conexão Propaganda

